

Odeitallas e outras Miudallas.

Apontamentos de etimologia galega (con referência a *caño*,

monllo, monza, pavea, rabeira, veeira e vencello)

1. Numa relação —lavrada em 1331— de tributos impostos pelo arcebispo de Santiago aos habitantes de Cedeira, terra próxima de Redondela (prov. de Pontevedra), figuram alguns termos de muito sabor castiço, atinentes a certos resíduos da debulha de cereais, os quais, por antigo foro, deveriam reverter em favor dos servos respectivos. A primeira destas expressões a chamar a nossa atenção é a de *odeitallas*. Eis o contexto que interessa e que nos proporciona outros vocábulos pertencentes ao mesmo restrito âmbito semântico:

“O regengo de Cedeira que he en toda a freguesia de sto. andre de Cedeira e de quanto labraren en este Regengo han de dar o terço de trigo que y labraren des que os labradores que o labran toman os seus dereitos que dizen que an de auer, os *caños*, e as *odeitallas* e a *ueeyra* e o *monllo*” (Ver Antonio L. Ferreiro, *Fueros Municipales de Santiago y de su Tierra*, p. 542).

A primeira vista, a forma *odeitalhas* poderia sugerir uma conexão com o verbo *deitar*, se não fosse além de outras dúvidas, o *o* da primeira sílaba, que evidentemente, atendendo ao género do nosso vocábulo, não pode constituir o artigo aglutinado. Aliás, o próprio López Ferreiro já entreviu a origem de *odeitallas*, sugerindo: “*ódegas?* los lazos de paja con que atan los haces”, hipótese que se impõe pela sua flagrante intuição. Trata-se com efeito de um derivado de *odeito*, particípio passado do antigo verbo *oder* ‘ligar’ ‘atar’, ou seja o lat. *ob-dēre*, composto de *da-re*, de significação análoga, por meio do sufixo colectivo-depreciativo *-alla* = lat. *-ālia*, neutro do plural de *-ālis/-āle*.

Segundo toda a evidência, o galego vem a ser o único entre os idiomas românicos a ter preservado vivo, até adiantada época da sua história, esta forma, normalmente evoluida através de **od-dēre*. As “*Cantigas de Santa Maria*” proporcionam quatro¹, os “*Mirages de Santiago*” um exemplo² do seu emprego. Esta etimologia já fora apontada, embora tacitamente, em 1906 pelo romanista suíço J. Cornu³. O declínio do castiço verbo foi certamente favorecido pela existência de sinónimos mais comuns, como *atar*, *ligar* e *amarrar*.

¹ Ver a edição de W. Mettmann, vol. IV, Glossário, s.v. *oder*: [...] *y a metade/ dentr’ a odede/ des i poede/ ll’ o fogo a perfia* (255.103); [...] *odeu/ a ostia ena touca* (104.32); *un canto lle poseron/ odeito aa garganta* (193.17); *quando ss’ estendia o nervo odeito* (77.38 s.).

² Na edição de J.L. Pensado, p. 56: *E mādoulle oder hũa m[oa] ena garganta et deitalo ño rrio do Tibre*.

³ No Gröbers *Grundriss*, 2ª ed., p. 1020.

Cabe prevenir que o partic. pass. *odeito* não se pode derivar directamente do clássico *o b d ĩ t u m*, reflectindo na sua estrutura a acção contaminadora por parte de antigos participios galego-portugueses em *-eito*, ou seja das desinências *-e c t u m*/*-ĩ c t u m*/*-a c t u m*, patentes nas formas arcaicas como *ereito*: *e r e c t u m*, *beeito*: *b e n e d i c t u m*, *correito*: *c o r r e c t u m*, *colheito* ‘colhido’ (cf. o subst. mod. *colheita*): *c o l l e c t u m*, com *escolheito* e *encolheito*, e outras, por sua vez analógicas, como *tolheito* ‘tolhido’, *coseito* ‘cosido’, *encheito* ‘enchido’, *envolveito* ‘envolvido’.

Como únicos remanescentes actuais de *oder*, os dicionários averbam os subst. *odia/ódega* ‘atadeiro de palha ou vimes’⁴, derivados de difícil análise. No que toca a *ódega*, J.L. Pensado⁵ admitiu um protótipo **o b d ĩ c a*, formalmente possível, embora menos conforme com os cânones da derivação. Não me satisfaz tampouco a ideia pessoal de que *odia* = **odea* poderia representar um derivado adjectívico em *-ě u s*, na forma do neutro colectivo em *-e a*, substantivado. Nesta perspectiva, o *-g-* de *-ódega* não passaria dum elemento eufónico, a desfazer o hiato.

No que toca ao sufixo *-alla/alha* do “hapax” galego *odeit-alha*, reflecte fielmente, quanto à sua função, a tradição românica do lat. *-alia*⁶. No caso em aprêço, agrega-se à noção fundamentalmente colectiva a conotação de coisas miudas e de somenos importância, integrando-se a palavra num flagrante “niñadoiro” semântico constituído por termos congéneres como *borr-alha*, *ferr-alha*, *lim-alha*, *mig-alha*, sem esquecer evidentemente *miud-alha* e *miunçalha*, lat. *m i n ũ t - ā l i a* e **m i n ũ t i - ā l i a*, respectivamente. Semanticamente ainda mais afins de *odeitalha* ficariam o gal. *agarrad-alha* e *amarrad-alha* ‘presilla, atadura’. Noutros casos, é a noção puramente colectiva que prevalece: a de coisas que constituem um todo, como *cabeza-lla* ‘conjunto do dispositivo que cobre a cabeça da montada’. Escusado será lembrar que a função de um sufixo como o nosso, e de outros, comporta ainda matizações secundárias intimamente dependentes do semantismo da própria voz a que se agrega.

2. Além das *odeitallas*, os “labradores” referidos no nosso texto têm ainda direito aos *caños*, o *monllo* e à *veeyra*. O primeiro destes termos alude, ao que parece, à palha miuda com as arestas, dispersa pela eira, normalmente conhecida ainda hoje pelo nome de *coaños/coanhos*, derivado do ant. *coa* = *c a u d a*, metáfora patente também nos sinónimos *rabeiros* e *rabazas*, tirados de *rabo*. O *monllo* reflecte o lat. **m a n ũ p ũ l u m*/**m a n ũ c ũ l u m*, dependentes de *m a n i p u l u s*, etimologia bem conhecida, compa-

⁴ Estas formas (*odia/odias*) já chamaram a atenção de Fr. Martín Sarmiento. No seu *Catálogo de voces y frases de la lengua gallega* (1754), ed. de Pensado (1973), p. 395, anotou: “Usase en Lérez y no es muy común”, aventurando, na página que se segue, uma etimologia menos digna do seu usual criticismo: “... acaso de *hum nodo y hun-nodo*, *hunnodeo*, *hun-nodio*, y después *huno-dio*, *un-odio*, *una-odia*. Y así la voz *nodus* viene bien...”.

⁵ Na nota 7 à pág. 56 da sua excelente edição dos *Mirages*.

⁶ Ver a este respeito o nosso estudo “A formação dos nomes de lugares e de instrumentos”, in *Bol. de Filología VI* (1940), pp. 31-47.

rável à *maunza/monza*, ou seja *ma n - ũ c i a*, outro derivado de *manus*, no sentido de ‘mão-cheia’. No que toca a *veeira*, López Ferreiro sugeriu: ‘rabazos, rabeiras? el desecho del grano después de limpio’, explicação que pede um ligeiro retoque. Afigura-se-me que se trata de um derivado de *vēlum* ‘veu’: **vēl-āria*, alusivo à fina película que reveste o grão antes da debulha. Em princípio, poderia pensar-se também no lat. *vēlāriūm* na acepção de grande pano (no nosso caso destinado a recolher o grão limpo). Os dicionários portugueses (Caldas Aulete e C. de Figueiredo) averbam um ant. *veeiro* na acepção de ‘peleça delicada e fina’, sem referência à fonte respectiva.

3. Ao parágrafo dos “Fueros”, acima transcrito, segue-se imediatamente outro, que reza:

Item de quanto millo e payço labraren eno dito Regengo ha de auer o arçobispo ou seu mayordomo a meadad [...] des que os labradores que o labran tomar en os seus foros, que dicen que son a pauea e o caño e a Redoyra.

As formas reproduzidas em espacejado merecem também um breve comentário. O termo *pavea* = port. *paveia* é bem conhecido, menos a sua etimologia. O dicionário de Eladio Rodríguez explica: ‘*Pabea*: porción de mies segada, sea de trigo o de otros cereales, que se halla tendida en la heredad para convertirla en mollo o gavilla.../ monza’. O que me ocorre dizer sobre a origem da palavra —que não figura no Dicionário etimológico, 2ª ed., de J.P. Machado—, é o seguinte. Como em outros casos, a terminação *-ea/-eia* reflecte o sufixo latino *-ēla*, formante de abstractos deverbais, de preferência de verbos da segunda conjugação, em *-ēre*, como em *candēla* ‘cande(i)a’, de *candēre* ‘luzir’. Isto leva-nos naturalmente ao verbo *pavēre*, faltando apenas justificar o semantismo particular de *pave(i)a* em relação com a voz latina, propósito que, porém, se consegue através de um raciocínio tão simples como convincente. O sentido normal de *pavēre* é intransit. ‘tremar, estremecer de medo’, transit. ‘recear’. Ora lemos no Dicionário etimológico de Ernout-Meillet (edição de 1931, p. 743):

‘*Paveō* a dû désigner d’abord un état de prostration, d’abattement causé par un choc violent qui n’est pas nécessairement la peur [...]. *Paveō* est sans doute un verbe marquant l’état, à suffixe *e*, correspondant au verbe marquant l’action *paviō* [...] Le sens premier serait “je suis frappé”, appliqué spécialement aux choses de l’esprit [...]’.

Se completarmos esta penetrante análise com um testemunho de S. Isidoro de Sevilha, o qual, nas “Origines” 10, 230, a propósito de *pavidus*, faz observar literalmente: [...] *nam pavere (pavire) ferire est, unde et pavimentum*”, não precisamos mais do que esta glosa para vermos confirmada a nossa ideia de que já no latim existiria o derivado **pavēla*, na acepção de ‘golpe’, o qual se perpetuaria em *pave(i)a*, termo que designa precisamente a porção da *messio* abatida, “ferida” de um golpe da foice ou gadanha. Estamos em presença de mais um caso que nos permite suprir, através de um termo galaico, uma lacuna na tradição lexical latina.

4. Resta dizer duas palavras a respeito de *redoyra/redoira*, cuja etimologia se apresenta menos transparente do que a de *paveia*, embora se possa sugerir uma explicação não desrazoável. A primeira vista, parece tratar-se de um derivado de *rede*: *rê t e*, que serviria, como realmente acontece, a transportar resíduos da debulha, como palha não ligada em feixes, coanhos, etc. Infelizmente, esta explicação é invalidada pela natureza própria do sufixo *-oira/-oura*, lat. *-ō r i a*, o qual com uma regularidade absoluta se associa exclusivamente a temas verbais, exprimindo a noção de instrumentos e utensílios que servem a realizar a acção respectiva. O tipo mais comum é o que comporta o *-t-* do partic. perf., como em *dobadoira*, *roçadoira*, *lavadoira*, etc., lat. *-ā t -ō r i a*, havendo no entanto casos em que *-oira* se liga imediatamente ao tema do infinitivo. E sob este aspecto que se poderia encarar a etimologia de *redoira*, forma que estaria por **arredoira*, com falsa interpretação do *a-* como sendo o artigo⁷. Uma **arredoira* seria uma pá para *arredar* alguma coisa, p. ex. o grão à medida que for trilhado. Um caso comparável seria *xuntoira/juntoira* 'pedra que vai de uma à outra face da parede', quer dizer que serve a *juntar*.

Os vocábulos, que tentei elucidar nestas miniaturas etimológicas, constituem apenas um modesto retalho, uma "maunça", da terminologia das colheitas anuais, terminologia sobremodo diversificada e de origem exclusivamente latina⁸, como era de esperar. Nesta nomenclatura, o mais modesto subproduto, a mais insignificante "miudalha", tem o seu nome e o seu valor, cuja posse o servo tem de disputar ao senhor como sendo do *foro*, mesmo que se trate de humildes *coanhas* ou de *restrolhos*. A pouca generosidade do senhor arcebispo revelase também no artigo dos "Fueiros", que se segue aos dois já transcritos, e que respeito à porção de vinho que cabe ao *labrador*: "... e diz que he despois que o mayordomo poser o peso do lagar tres vezes sobre las uvas, e o viño que ficar despois que seja do labrador" (Três vezes...!).

JOSEPH M. PIEL

Universidade de Colónia

⁷ Não me ocorrem, de momento, exemplos incidentes.

⁸ No entanto, não se explica bem a fortuna —real ou aparente?— reservada precisamente na Galécia ao arabismo *ceifa*.